

# A Simbólica da Luz, das Cores do Espaço e do Tempo

**N**ão cabe à Simbólica o estudo da luz, como é feito na Ótica e na Física, mas tão somente o que se refere à sua significabilidade, — como motivante das cores — e o significado que estas tiveram, e têm, para o ser humano.

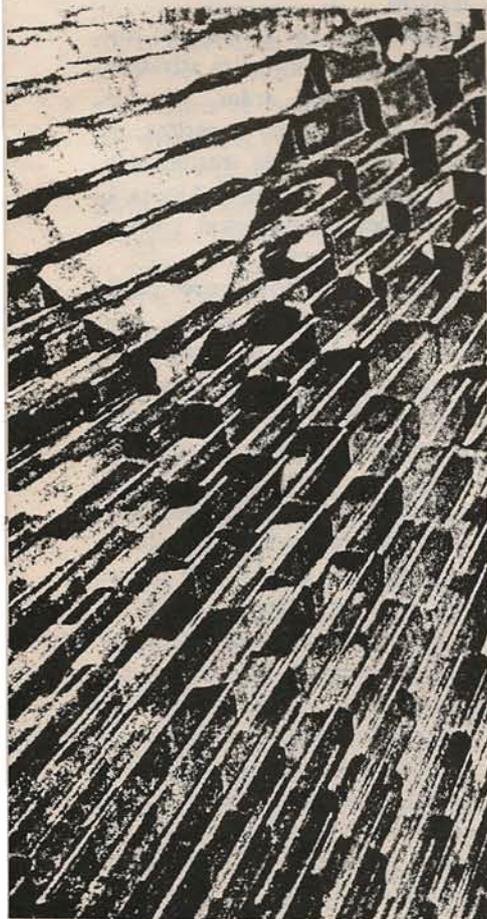
Entre nós, na nossa cultura ocidental, é de Goethe um dos melhores estudos sobre o simbolismo das cores. Considerando que a cor é o choque entre a luz e as trevas, as cores revelam, ora o predomínio das trevas, ora o da luz. Goethe estava reproduzindo um velho pensamento já esboçado, no Ocidente, pelo filósofo Nicolau de Cusa e por aqueles que se inspiraram em suas idéias, sobre a eterna e permanente luta entre as trevas e a luz. Observa-se presente esta concepção já na cultura alexandrina, entre os gnósticos, entre os egípcios e entre todos os que se dedicaram aos conhecimentos herméticos e iniciáticos nas diversas culturas. No entanto é preciso distinguir-se que, no pensamento iniciático, há uma nítida distinção entre a luz física e a luz espiritual. A luz estudada pela Física é a luz física, de origem eletrônica (esta tem sua origem nos saltos eletrônicos) e se dá quando os elétrons são suspensos das órbitas inferiores para as superiores e aí lançam partículas — fótons —, energias transmitidas, de intensidade heterogênea.

A luz espiritual, de grande complexidade, em linhas gerais refere-se em parte ao que os físicos, como Einstein e outros, viram-se



na contigência de examinar, e que Schoenberg chamou de “ondas imateriais”. Neste caso, não é o elétron que pilota uma onda, mas uma onda que pilota o elétron. A onda, que surge do elétron, teria uma causa eficiente em outro poder que ultrapassa o campo da eletrônica e da física nuclear, ultrapassando a dimensionalidade do mundo quaternário da Física, das dimensões que compõem o esquema cronotópico, ou seja, do complexo tempo-espacial.

Mas nossa preocupação é sobre os fenômenos cromáticos e seu significado. Vejamos um exemplo corriqueiro: em todas as regiões do mundo o arco-íris é climaticamente possível pois é observado na mesma gama de cores. São elas as cores do espectro: violeta, índigo, azul, verde, amarelo,



laranja e vermelho. Originariamente sinal mágico, símbolo da paz e da prosperidade — segundo a Bíblia, anunciou a Noé o fim do dilúvio — veio a tornar-se um fenômeno científico comum: a decomposição da luz branca pela refração dos raios solares nas gotas d'água. A célebre e famosa experiência de Newton, utilizando o prisma, não mudou nem perdeu seu caráter demonstrativo após o século XVII, mesmo que Goethe, no início do século XIX, tenha acreditado contradizer esta experiência através de seus argumentos filosóficos.

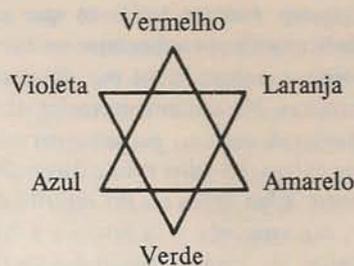
O caráter objetivo e universal do fenômeno das cores, após o conhecimento científico da medida do comprimento da onda de raios luminosos, concretizou a idéia de que as cores aparecem como quantidades ou frequências luminosas, e é invariável nos seus princípios do ponto de vista da Ótica e da Fisiologia. Entretanto, no campo da **Psicofisiologia** apresentam-se numa grande variedade, digna de breve menção.

Neste campo, várias experiências vêm sendo feitas, da maior importância. Basta dizermos que o vermelho ou o verde podem fazer mudar os processos biológicos, como o desenvolvimento de ovos de certos insetos (moscas, rãs, etc.). O azul acalma e o verde excita a circulação sanguínea. Nos hospitais psiquiátricos se pratica a **chromoterapia** (tratamento do enfermo por meio de iluminações coloridas prolongadas). Sabe-se que as **cores quentes** são as mais luminosas, as mais claras, e as **cores frias**, as menos luminosas, as mais escuras. Observa-se que no escuro a circulação sanguínea diminui e, mudando para a luz, acelera-se. Por outro lado, no campo da **psicologia das cores**, não há esta rigidez científica. Exemplos como a cor laranja que é para alguns incandescente, ardente e brilhante

(estimulante), pode tanto acalmar como irritar, segundo os casos. Para outros é vista como a cor da sociabilidade, amabilidade.

A linguagem cotidiana associa, constantemente, os sentimentos às cores: ver “a vida cor-de-rosa”, ter “idéias negras”. O “choque do preto” ativa, evidentemente, o imaginário (por exemplo, a interpretação das manchas de cor negra simétricas do teste de Rorschach). Às sombras, às trevas ligamos, esquematicamente, o medo, o pavor, o terror, o confuso. É das trevas que saem os perigos, enquanto da luz sai a vida, a criação, a tranqüilidade. E, como as sombras se esquematizam em estruturas de medo e de pavor, é natural que as trevas provoquem medo e pavor, pois são assimiladas ao esquema. O luminoso, por outro lado, liga-se a tudo quanto é alegre, criador, vivo, razão pela qual a luz é animadora, porque desde logo é assimilada a esquemas que se estruturam com agradabilidade.

Goethe estabeleceu o seguinte quadro, onde surgem as três cores elementares:



O azul com o vermelho nos dá o violeta. O amarelo com o vermelho, o laranja. O azul junto com o amarelo, o verde. Daí temos as seis cores: as três fundamentais e as três combinadas.

Entretanto, vejamos as outras combinações: o laranja com o vermelho dá o rosa; o alaranjado

com o amarelo, o amarelo-alaranjado; o amarelo com o verde, a cor de enxofre; o verde com o azul, o azul-esverdeado; o azul com o violeta, o azul-marinho, e o vermelho com o violeta, o púrpura e o marrom. Do púrpura ao enxofre temos as cores quentes; do enxofre ao violeta as cores frias se distribuem.

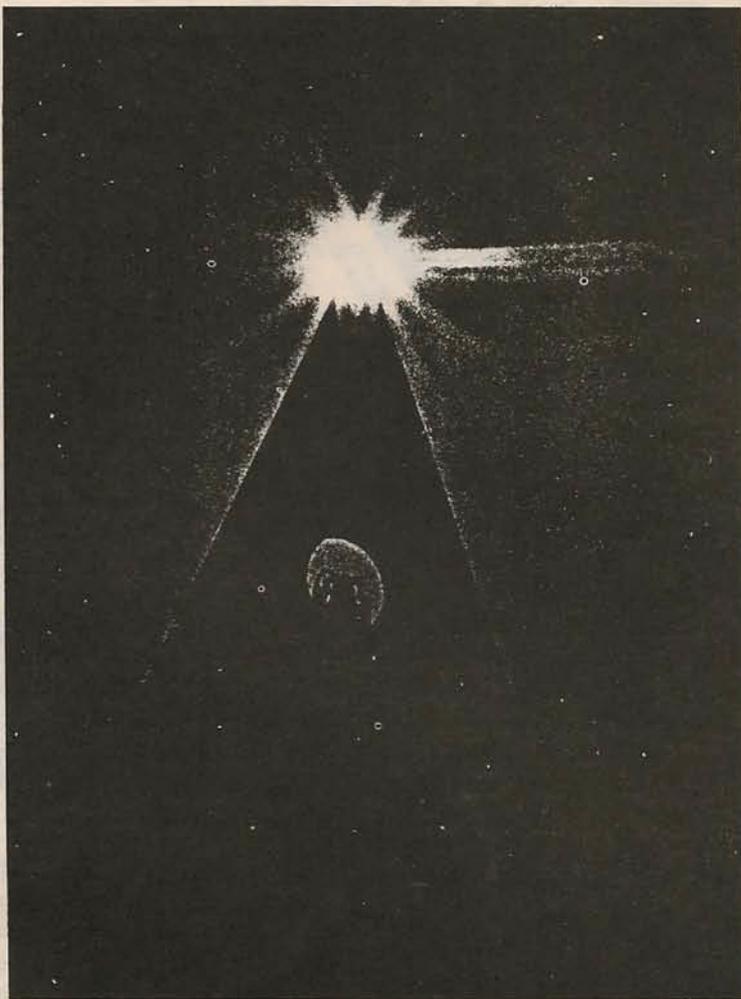
#### O simbolismo das cores

**Azul** — símbolo da verdade, da serenidade, da lealdade. Cor do pensamento elevado, cor aristocrática (por exemplo, o manto da Virgem). Os gregos não usavam, frequentemente, o azul e o verde. É a cor da profundidade, permitindo uma penetração do olhar. É a cor dos mares, das montanhas distantes, do céu profundo, das distâncias. Pertence mais à atmosfera que às coisas, anula os corpos. Símbolo, em algumas culturas, do infinito.

**Vermelho** — cor do sangue, símbolo da vida. Simboliza atividade, combatividade, ardor, choque, símbolo da paixão imperiosa, do sentimento. Cor da sensibilidade, cor popular, excitante. Ligada às revoluções (as bandeiras e estandartes vermelhos).

**Púrpura** — cor dos mantos cardinais, cor da majestade, símbolo da realeza, da aristocracia dominante, dos mantos imperiais. Símbolo da autoridade, do poder, do mando (cor que une os extremos).

**Amarelo** — cor do mundo transcendente, da revelação que ilumina o espírito humano em trevas. Nas virtudes teológicas, simboliza a fé; nas virtudes mundanas, significa generosidade do coração, inspiração feliz, bom conselho. Na ordem dos vícios, simboliza o egoísmo orgulhoso. Se é amarelo pálido simboliza decepção, traição, característica também do enxofre. É a cor da luz, do ouro, da intuição.



**Verde** — cor da natureza, da criação, do renascimento, também da vida. Simboliza revelação. Nas virtudes teológicas é o símbolo da esperança. Símbolo do amor feliz, da alegria, da prosperidade. Em sentido negativo é degradação moral, desespero, loucura. É, por outro lado, uma cor apaziguante, tranquilizadora, apassivadora. Por isso pode simbolizar, também, submissão.

**Branco** — embora não seja propriamente uma cor, o branco reflete o absoluto, o triunfo dos eleitos, dos anjos. Cor de Jesus Cristo, dos pitagóricos, dos essênios. Nos sonhos é comum surgir uma figura patriarcal, de longas barbas brancas, vestida de branco, que dá conselhos. Este símbolo é

universal e tem este significado em várias culturas. Contrariamente pode simbolizar frieza, angústia, abandono.

As cores intermediárias têm significações intermédias. É comum sentir-se no violeta, símbolo do místico, um leve iluminar de luz sobre trevas. Também aparece como a cor dos vencidos, mas não é símbolo universal. O preto é um símbolo de luto. Entretanto, os chineses costumam vestir de branco quando da morte de alguém. O branco não é que seja cor da tristeza, da dor, é que os chineses têm uma visão pessimista da vida, portanto consideram a morte uma libertação. Morrer é salvar-se!

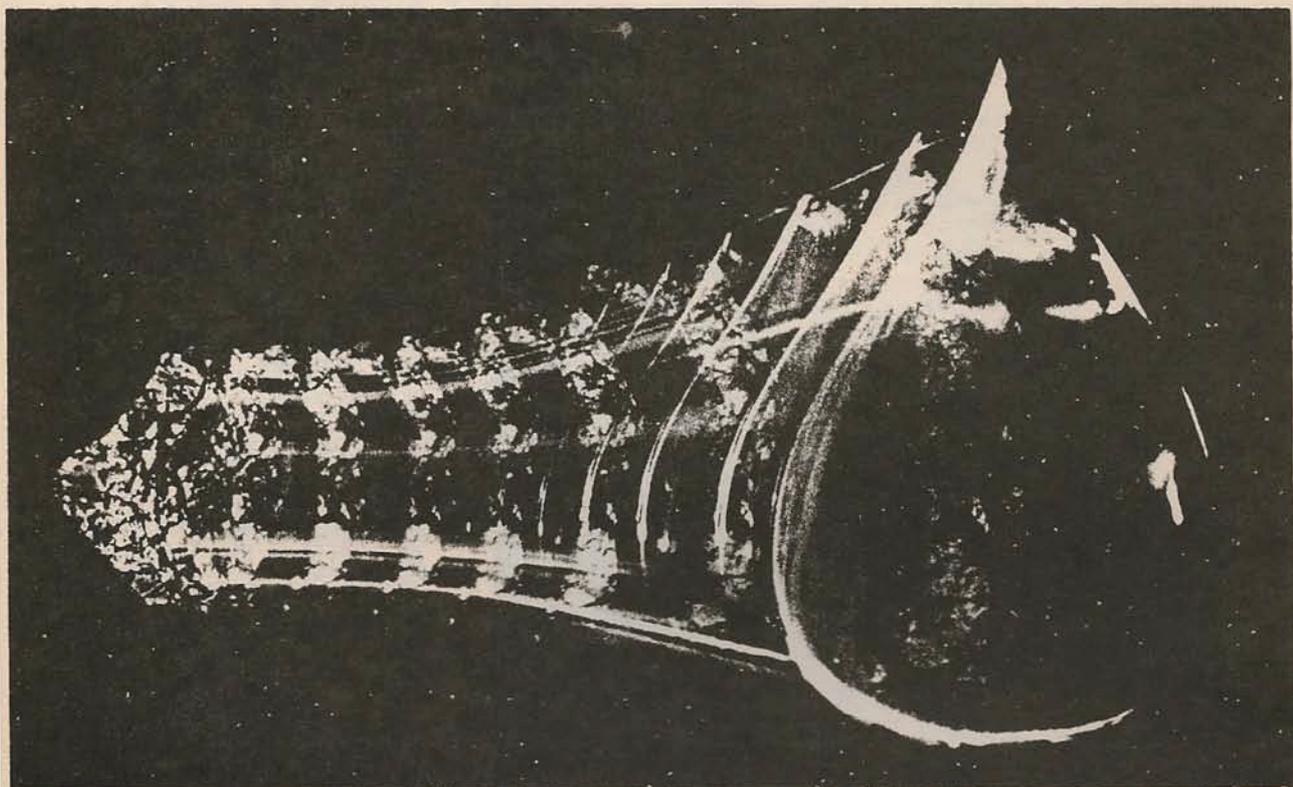
Aqui, obviamente, não desenvolvemos de maneira exaustiva

a simbólica das cores e da luz em toda sua complexidade, nem tratamos pontos, como o das relações que a sociedade mantém com as cores e o da psicologia das cores, que é outro campo da questão. Observa-se que os sentimentos que despertam as cores não surgem do nada (*ex nihilo*). Elas também não são ligadas à essência de tal ou tal cor. Admitindo que elas nasçam das “emoções” psicológicas que as cores provocam (como o vermelho que excita, o azul que acalma) ainda é necessário que as “sensações” elaboradas pelo córtex sejam interpretadas pela consciência do indivíduo. Esta interpretação que associa às sensações luminosas valores sentimentais depende da cultura do indivíduo e portanto, a graus diversos, do grupo social ao qual ele pertence. Assim há uma relação estreita, como se pode observar, codificada e controlada da sociedade em relação às cores; em alguns casos quase “arcaicas” ou como “códigos rituais” onde ela é usada com precisão e sancionada pela própria sociedade.

É o caso por exemplo de um guerreiro adotar a cor do feiticeiro; ou serem usadas cores de um ritual em outro. É o que tratamos no artigo *A cor e a sua função simbólica em algumas culturas* publicado no nº 33 da Thot.

#### A Simbólica do espaço e do tempo

É a Simbólica demasiadamente rica de sugestões e de ensinamentos. Assim, o simbolismo que captamos nas coisas não é apenas um trabalho intelectual, é afetivo também! A intelectualidade, que trabalha tanto *a priori*, na arte só pode realizar o que de proveitoso se apurar *a posteriori*, porque a arte, como atualização da estética através do homem, trabalha com singularidades; e eis o motivo porque a razão é sempre estranha, mal colocada, como quem



nos visita sem que o desejássemos...

Como já vimos anteriormente, os **símbolos** são polisignificantes e os **simbolizados** polisignificáveis; desde que compreendamos que um símbolo é símbolo de tantas coisas que variam segundo o ciclo histórico, os grupos sociais e até os indivíduos, compreenderemos que a música tem uma linguagem como tem tudo quanto se exterioriza, porque se expressa. Se o intelecto coloca, dá, empresta significados, não é apenas ele quem procede assim, é também a nossa afetividade. Tendemos, por necessidade intrínseca, a construir esquemas eidéticos de nossas experiências e do que distinguimos dos fatos que se dão. E vão ser esses esquemas, como sobretudo os afetivos, que se acomodam, no artista, aos fatos do mundo exterior. É o artista, assim, um mecanismo de vibráveis esquemas na expectativa do que acontece. E, ao surgirem, assimila-os ou não... Mas o artista

tem uma característica muito análoga ao homem que dorme, que sonha, que fantasia: é que a acomodação de seus esquemas são os da sensibilidade, do sensório-motriz, e também esquemas afetivos, que constituem os elementos da intuição sensível. Daí que a acomodação do artista não vem a ser o bastante suficiente para uma inteligência meramente do real — **realismo** — e caso se dê, ela vem a ser **cerebralizada**, pois nele a assimilação é muito mais intensiva e daí ele comparar, fantasiar, criar imagens novas, em suma, poder-se-ia dizer: é um **captador de símbolos**.

Nisto se vai diferenciar do cientista porque este é mais realista e capta os símbolos como fatos, e ele capta estes mesmos fatos como símbolos.

Para isto vai utilizar uma gama imensa de meios para transmitir as suas impressões, os seus sentimentos. Nietzsche afirmou que: “Desde que nos entendemos

por gestos, pode nascer uma “simbólica” do gesto: quero dizer que se pôde empregar a linguagem dos sons com a condição de que antes se produzisse o som e o gesto (ao qual se juntava como símbolo) e, mais tarde, somente o som. Parece, pois, que numa época muito antiga terá assim sucedido, frequentemente, o mesmo que sucede agora aos nossos olhos e aos nossos ouvidos no desenvolvimento da música, sobretudo da música dramática; enquanto que, primeiramente, a música, desprovida da dança e da mímica (linguagem dos gestos) que a explica, é um ruído vão. O ouvido, por um longo costume desta associação de música e movimento, aprendeu a interpretar imediatamente as figuras dos sons e chegou, finalmente, a um grau de compreensão rápida, em que já não tem necessidade de movimento visível, e “compreende” sem ele, o compositor. Fala-se então, de música absoluta, quer dizer, de música da qual tudo é

imediatamente compreendido como símbolo, sem necessidade de nenhum auxiliar”.

Observa-se, assim, que a dança como a mímica, que pertencem ao campo dos movimentos rítmicos expressivos, são **artes do tempo** já que se desenvolvem na sucessão e vão formar, entre as linhas sonoras da música, uma expressão de gestos. Estes, por sua vez, são uma expressão da afetividade que é uma expressão do mais profundo das raízes somáticas, do sensorio-motriz, do corpo, da carne, da vida. E a vida nada mais é que uma grande simbólica de todo o existir, de toda a ordem cósmica do existir...

Desta forma se vê que a Simbólica do **tempo** e do **espaço** é de uma grande riqueza no campo das artes. Sendo ambos esquemas fundamentais da nossa experiência estão sempre presentes. Tudo do qual temos conhecimento se dá dentro destas duas coordenadas e daí a divisão clássica das artes em **Artes do Espaço** e **Artes do Tempo**. Nas chamadas **Artes do Espaço** temos a pintura, a arquitetura e a escultura e nas do **Tempo**: a literatura, a música e a dança. Nas primeiras predomina o **simultâneo** e nas do tempo a **sucessão** porém se interpenetram também. Nelas vai se dar uma Simbólica presente que, no caso do espaço, nos é revelada pelas linhas e pelos planos e cubos, e combinadas à **Simbólica das cores** ajuda na compreensão das Artes Plásticas.

A Simbólica do **espaço** e do **tempo** pode ser visualizada sob cinco aspectos:

- 1) sentido da direção, vector;
- 2) a dimensão dos planos e volumes;
- 3) a ordem (o ritmo, a harmonia, etc.);
- 4) a forma (parte qualitativa);
- 5) a continuidade ou descontinuidade nas ligações.

Poder-se-ia colocar numa cruz — como ponto de partida — para uma análise simbólica das direções e das sucessões relativas à **Simbologia do espaço e do tempo**.



Dentro do campo do simbolismo universal, a esquerda sempre significa o passado e a direita, o futuro. Outras conotações são dadas a ambas direções:

#### Esquerda

Passado  
Símbolo da mulher  
Símbolo do Mal  
Introversão  
Subjetividade  
Passivo  
Recuo  
Mãe

#### Direita

Futuro  
Símbolo do homem  
Símbolo do Bem  
Extroversão  
Objetividade  
Ativo  
Ataque  
Pai

O **alto** e o **baixo** também apresentam aspectos simbólicos universais como se dá com a **esquerda** e a **direita** — nos seus sentidos positivos e negativos.

#### Baixo

Terra  
Inferior  
Materialidade  
Trevas  
Instintos  
Realidade  
Descrença  
Homem

#### Alto

Deus  
Superior  
Espiritualidade  
Luz  
Inteligência  
Sonho (ilusões, ideais)  
Fé  
Divindade

As linhas ascendentes são sempre símbolo de elevação, ascensão, ímpeto criador para o melhor, o mais alto e também ao quimérico, ao utópico, ao idealístico, ao otimismo, etc. As descendentes simbolizam o pessimismo, a queda, o demoníaco, o realismo, o materialismo, a depressão, a obstinação, a teimosia.

As linhas, como símbolos do tempo e do espaço, indicam, sempre, em todos os povos e em todas as eras, essas simbolizações universais.

As linhas **horizontais** são sempre índice de placidez, tranquilidade, mansidão, eternidade (como se vê na arte egípcia). As **ascendentes**, impulso, elevação, (como no gótico).

No caso das linhas **aceradas** indica maldade, hesitação, espírito quimérico, fraqueza. Quando sofrem **cortes** significa fadiga, pessimismo, estreiteza de idéias. As **espasmódicas** indicam angústia, ansiedade. Quando **finas** — são índices de modéstia, debilidade, fraqueza e graça. **Espatuladas**: violência, exaltação física.

Há, sem dúvida, um simbolismo universal das linhas curvas e das retas. A linha **oblíqua** por sua vez dá sensação de ascensão, de expansão quando extensivamente considerada, enquanto a vertical elevada expressa expansão intensiva.

Uma análise mais pormenorizada das linhas nos auxiliaria muito na interpretação das Artes Plásticas, especialmente onde elas se fazem mais presentes, e cuja simbologia é atuante.

YOLANDA LHULLIER DOS SANTOS  
Professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.